



INTERIOR DA PAROCHIA DE S. PEDRO EM NORTHAMPTON.

NORTHAMPTON é a capital do condado ou provincia do mesmo nome situada no interior da Inglaterra, cidade de quinze a dezeseis mil habitantes, distante 61 milhas inglezas de Londres em linha recta, ou 67 pela posta. Consiste a sua principal industria em botas e çapatos, que transporta para a capital do reino e outras das provincias proximas; emprega nesta manufactura mais de 1:300 pessoas. É terra de boa casaria e tem um mercado espaçoso e bem fornecido. Nas campinas logo abaixo da cidade se peleijou a importante batalha entre os da parcialidade do duque de York e os que seguiam a bandeira de Henrique 6.º, conflicto em que o monarcha viu desbaratadas as suas tropas e foi feito prisioneiro, aos 10 de julho de 1460.

O commercio de Northampton é facilitado pela navegação do Nene, que alli passa, e pelos dois ramos do caminho de ferro que communicam com o grande canal do interior da Inglaterra [grand junction canal]. S. Pedro é uma das quatro parochias

da cidade, e o seu templo faz-se recommendavel por muitas particularidades architectonicas no gosto saxonio e normando: tem assento na extremidade occidental ao pé das fortificações exteriores do antigo castello, que dizem fôra construido em tempo de Guilherme o conquistador. É igreja de uma nave principal com duas lateraes muito estreitas e de igual comprimento, tendo uma torre quadrada á parte do poente; duas ordens de columnas, que consistem alternadamente em fustes singelos e em quatro meias columnas enfeixadas, se estendem pelos dois lados da nave, sustentando duas series de arcadas com as impostas em zig-zag, e ás quaes dão claridade oculos semicirculares, muito distantes uns dos outros. Ornamentam esta fabrica muitas das imagens brutescas usadas neste periodo, vendo-se folhagens, passaros, animaes, monstros, volutas &c. espalhados sem methodo ou disposição pelos capitais. A torre tambem deve ser estudada pelos que prezam este singular genero de architectura. — A

2.ª SERIE — VOL. III.

igreja de Todos os Santos está no centro da cidade no ponto d'intersecção das ruas principaes; foi reconstruida depois do grande incendio de 1675: é obra trivial, defeituosa e discorde em todas as suas partes, e que tem ao meio uma cupula sobre quatro columnas jonicas; todavia permanece a torre primitiva, que é guarnecida d'ameias, e escapou illesa do fogo. — S. Giles, situada na parte oriental, é um templo em fórma de cruz, com porções d'estylos diversos. — A rotunda do St.º Sepulchro, quarta parochia, jaz ao norte, e mostra ter sido erecta no principio do duodecimo seculo. — Outros edificios publicos contém a cidade, adequados a seus destinos, e que não são para desprezar, entrando as casas municipaes e das justiças, quartéis e hospitaes; o theatro foi levantado no presente seculo. Do castello restam poucos vestigios, e das muralhas nenhuns. As ruas são bem calçadas e alumiaadas por gaz.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

15.º

(Continuado de pag. 171.)

*Virou-se o feitiço contra o feiticeiro.*

É noite. Um frade do mosteiro de S. Lourenço vai de passo apressado pela Vejarrua, encaminhando-se para o palacio do conde de Castella. Chega; sóbe; e um pagem o conduz a um gabinete. Poucos ornatos decoravam este a não ser as duas torres, e os dois leões, armas de Castella, que a espaços se viam pintadas nas paredes e no tecto. Era alumiaado de uma tocha segura em argola de ferro que prendia á parede; e estava alli um homem moço, alto, semblante magestoso, traço militar, entre o qual e o frade se travou uma larga pratica de hora. Ao cabo d'ella o mesmo pagem, que introduzira o frade, o guiou com uma lanterna na mão por corredor estreito e escuro, no topo do qual era lançada uma escada de pedra. Desceram. No patim embebia-se um alçapão de carvalho, percintado de faxas de ferro. Levantaram-no. O pagem retirou-se, e o monge desceu abaixo por uma especie de escada de mão a um subterraneo. N'essa epocha os edificios principaes eram dobrados. O palacio, tinha por baixo outro palacio com suas columnas, galerias, escadas, repartimentos, quartos, escondrijos, e muita vez passadiços occultos que iam sahir a grande distancia. Eram a um tempo condições da arte, e traças de precaução. Escapava-se alli a perseguições e ao ferro de inimigos. Que n'essa idade em que a fé era mais viva, a moral christã mais acendrada, a convivencia social mais sincera, os costumes mais simples, o trato entre os homens lhano e sem arteficio, e a duvida não tinha ainda gangrenado os corações e paralyzado os espiritos; por isso mesmo se mostravam as paixões mais impetuosas e violentas na sua explosão, os odios ainda se não simulavam na capa palaciana da cortezia, e as vinganças desfechavam quasi sempre promptas, ensanguentadas e terriveis. Ora estas catacumbas que de ordinario serviam de asylo aos perseguidos, se convertiam tambem em instrumento de perseguição, onde acontecia, como em Burgos, que o carcere classico em lugar de ser annexo á morada do duque ou senhor

feudal, jazia separado d'ella a alguma distancia á raiz de uma das torres do formoso castello, que erigido na eminencia mais elevada do burgo, era juntamente corôa da povoação e defeza contra os arabes que pela Rioja e terra de Osma costumavam fazer suas incursões na provincia. Então se por algum motivo poderoso convinha que a custodia fosse mais recatada, e subtrahir á curiosidade indiscreta dos homens de armas e guardas do castello algum preso de monta, transformava-se em masmorra um d'esses subterraneos particulares, onde era mais difficil romper-se o segredo que relevava occultar.

A parte do subterraneo do palacio do conde, em que deixámos entrado o frade, era uma casa quadrada, terrea. Fronteira á escada do alçapão havia uma unica porta fechada que dava provavelmente para algum corredor. As paredes eram de pedra, e encostado a uma d'ellas se via uma especie de estrado. Para elle se dirigiu a passo acelerado o frade. Uma lanterna pregada na parede lançava sobre o estrado uma luz soturna e duvidosa. A um dos lados estava uma bilba de agua e um pão de cevada. Ao outro um breviario mosarabe. E em cima do estrado uma enxerga, onde dormia um homem. O frade aproximou-se. A luz do subterraneo reverberando sobre a parede, e o lado opposto, formava uma penumbra perpendicular á extremidade do estrado, deixando em sombra e escuridade quasi completa o resto da casa, e o sitio onde jazia a enxerga. Com auxilio da lanterna que trazia pôde o frade discriminar o vulto que alli estava. Olhou. A respiração angustiada, a contracção estranha das feições do homem que dormia, os espasmos convulsivos que lhe corriam no rosto, o mover dos beiços, o mexer continuado das mãos, o revolver inquieto do corpo, os gritos ora suffocados, ora medonhos que dava, denotavam uma afflicção extraordinaria. De repente a agitação redobrou; as vascas da agonia amiudaram-se mais; as vozes até ahí inarticuladas tornaram-se em palavras distinctas; o dormente nas tribulações de um sonho doloroso gritou «Parai, desgraçada . . . . . Soccorro! . . . Soccorro! . . . . . Afogou-se . . . . . No Arlanção . . . . . Ah! . . . . .» E bracejando, arcando, bradando se ia erguer como um espectro, quando o frade segurando-o, e sacudindo-o com força, lhe bradou:

— Fr. Gerundio, Fr. Gerundio, acordai!

Com a violencia do sacudimento e do choque Fr. Gerundio acordou; e ainda estremunhado do somno, esfregando os olhos, e procurando soltar-se dos braços do outro frade, perguntou:

— Quem está aqui? Quem sois? Quem sois?

— Fr. Pedro, vosso irmão. Socegai.

— Ah! Fr. Pedro, que horrivel sonho!

E fatigado, abatido, deixou-se outra vez cabir em cima da enxerga, derrubando a cabeça sobre o peito, e cobrindo o rosto com as mãos. Como absorvido em cogitações dolorosas ficou assim alguns instantes, e depois tornando em si, disse para o outro frade, que em silencio se conservava ao pé d'elle:

— Envergonho-me de descobrir o rosto na vossa presença, Fr. Pedro. Que quereis de mim? A que viestes?

— Consolar-vos.

— Consolar-me! . . . . . Entendo . . . . . Deixai-me tranquillizar um tanto o espirito que o tenho muito atormentado. Vou pôr em alguma ordem as minhas idéas, e preparar-me a receber de vós o santo sacramento da penitencia; que bem vejo que a minha hora está proxima.

— Enganais-vos.

— Pois que?

— Não se trata aqui de morrer. Sois moço; ainda podeis viver longos annos. Oxalá que os aproveiteis na expiação das vossas culpas.

— Viver para que, padre? Todos os laços que me prendiam á vida estão despedaçados. A esperança já não tem para mim illusões consoladoras. A minha alma é um deserto arido e pavoroso.

— E porque?

— Ah! padre, vós ignorais a immensidade do meu infortunio.

— Desabafai sem temor no seio de um amigo e irmão vosso.

— Uma mulher, padre, foi a minha perdição. Via-a a primeira vez em lugar sagrado, e — oh Summo Deus! — o que senti não o posso descrever. Depois d'esse dia fatal encontrei-a com mais frequencia: se por destino, ou por diligencia minha nem eu mesmo o poderei dizer. Cresceu o delirio em mim; coou-me o veneno no intimo da alma . . . . . Que esforços não empenhei para apagar do pensamento a imagem querida d'esta mulher! Mas era em vão; que tudo me avivava a sua memoria suave! De dia, de noite, em toda a parte, e até — ai de mim! — em lugar sagrado vinham assaltar-me lembranças doces, e saudades vivas, tão vivas . . . ! Representavam-se-me aquelles olhos tão meigos, aquella voz tão maviosa que eu nunca pude ouvir sem commoção, as tranças, o ar, o gesto, a doçura, os encantos todos d'aquella belleza tocante; e a minha allucinação era extrema. Até á cabeceira do moribundo, se exercendo o mais augusto dever, e o mais santo dos ministerios as minhas palavras tinham unção, as minhas lagrimas eram eloquentes, e havia inspirações de fé, e de amor na minha voz, não eram — meu Deus! — não eram illuminações da sua sabedoria; mas a idéa da morte, uma idéa vaga e dolorosa de separação que me representava aquella mulher junto de mim, tão bella na pallidez da agonia, dizendo-me a-Deus, e annunciando-me a esperança que cedo nos veriamos ambos na morada eterna! — Não pude vencer-me; abusei do confessorio; tentei-a; seduzi-a; declarei-lhe o meu amor; disse-lhe, disse-lhe tudo. Indignou-se — alma candida! — resistiu; chegou a ameaçar-me de revelar tudo. Mas tantas foram as minhas instancias; tão grande a minha constancia; assidua, oh! tão assidua e tão vehemente a minha paixão, que comigo a arrastei ao abysmo em que cahimos! Desde então o meu unico pensamento foi possuí-la; e tracei chegar pela senda do peccado onde outra nenhuma me podia conduzir. Embargava-me o meu voto religioso: deliberei-me a quebra-lo, apostatando de crença e de patria. Eram impedimentos os vinculos que a ligavam á sua familia: resolvi arranca-la da casa paterna. Mostravam-se difficeis os meios de o conseguir, e os unicos que se me offereceram eram abominaveis: mas não se me deparando outros, lancei mão d'elles sem escrupulo. Nenhum obstaculo se me antolhou invencivel. Nenhum projecto, por temerario que fosse, me atterrou. Nenhuma profanação, nenhum sacrilegio, nenhum attentado me fez recuar. E de crime em crime — ah! Fr. Pedro sabeis este episodio da minha vida horrorosa! — cheguei a atraiçoar o meu Deus, e o meu paiz. . . . N'este habito ha nodos de sangue innocente, do sangue de meus irmãos . . . . Mas não o derramei eu. Horrorisei-me de o ver derramar n'aquella noite de lucto. . . .!!! Perdoai-me,

senhor, o concurso involuntario que prestei áquella feito de atrocidade! O meu crime nasceu do amor; e se os meus affectos delinquiram, a minha alma não era perversa. Absolvei-me, padre, absolvei-me das minhas culpas.

— É enorme, filho, a extensão das vossas culpas: eu não posso absolve-las: é preciso que façais uma grande penitencia para serdes perdoado. Estais resolvido a começa-la?

— Mas como, padre, como hei-de eu fazer uma longa penitencia, se a lei da terra vai em breve descarregar o seu golpe sobre a minha cabeça!

— A vida vos será conservada; mas com uma condição.

— Qual é ella? Explicai-vos.

— Em poucas palavras o farei. Atraiçoastes a patria tramando entrega-la aos inimigos d'ella e da fé; atraiçoareis os inimigos da patria e da fé em serviço de ambas. Eis-aqui a condição.

— Padre . . . . .

— Não me interrompais. O mensageiro que vos trouxe as cartas do bispo renegado veio incumbido de concertar comvosco o modo de introduzir as tropas do calipha em Burgos, ou deprehender em cilada as de Castella. Sabeis, naturalmente, onde se occulta esse mensageiro. Escrever-lhe-heis para que amanhã á uma hora da noite em ponto se ache á beira do Arlanção junto ao choupo mais alto que borda o rio para ter comvosco uma conferencia. Partireis d'aqui acompanhado de um homem de guerra. Não o conhecereis pelo rosto, porque levará a viseira calada. Não procureis conhecê-lo pela voz, porque será mudo — mudo na ida, mudo na conferencia, mudo na volta. Mas se tentardes fugir, o seu braço vos deterá, e o seu guante de ferro poderá estoirar-vos alguns ossos. Vai armado de espada e uma bosina; a espada para vos abater aos seus pés a vós, e ao mensageiro, se for necessario; a bosina para chamar em soccorro, se o precisar, homens que estarão embuscados perto do sitio. Para vosso governo vos previno d'isto e para livrar-vos de tentações loucas. Guardando o mais para vós, preveni o mensageiro de que o homem que vos hade acompanhar é seguro, e de inteira confiança, e é o mesmo que vos dá guarida em sua casa; e que para maior disfarce, vai em trajes militares. Não vos esqueça communicar-lhe que é mudo. E quando chegardes a avistar-vos com o mensageiro, eis-aqui o modo como lhe heis-de arrancar alguns esclarecimentos sobre as forças do calipha, e o seu plano de campanha. [E então lhe deu miudas instrucções sobre este ponto].

— E aconselhais-me, padre, que accrescente mais uma traição, e um crime ao crime em que já sou incurso?

— Eu não vo-lo aconselho, filho: só vos digo que é esta a condição com que obtereis a vida; e que vai immensa distancia moral de entregar a patria aos inimigos d'ella, e entrega-los a elles em holocausto e beneficio da patria. Este é o caminho da salvação temporal: o da salvação eterna é outro.

— E qual, padre?

— Primeiro que tudo arrancar da alma o cancro que a roe, esse amor adultero que vos mina o coração.

— Impossivel, padre, impossivel!

— Que dizeis! Diante de vós tendes ainda um horisonte de esperança. Ainda podeis ser perdoado do senhor que offendestes. Attendei-me. O conde de Castella offereceu-me o anel de abbade do mosteiro

que se está edificando ás margens do Arlança, em cumprimento do voto que fez antes da batalha de Osma. Solidão é essa accomodada para a penitencia, e para de tudo afastar a memoria senão só do céu. Vinde, filho, vinde comigo para esse retiro de paz. A excommunhão que vos fulminam as leis da igreja, temos remedio com que lhe passemos esponja por cima. Vinde, que ainda um dia, e breve, podereis apparecer no mundo como um grande santo, e voltar para Burgos, tão escandalizado agora dos vossos peccados, como será edificado na vossa conversão.

Quando Fr. Pedro fez brilhar aos olhos do infeliz um raio de esperanza, esperanza de voltar á sociedade e a esse mundo de que os seus delictos pareciam have-lo eternamente arredado, e os seus affectos não podiam desprender-se, o frade olhou para o interior da sua alma; e vendo o Vesuvio de paixões que lá dentro ardião, apalpando profunda ferida que o amor lhe tinba aberto, suspirou. Mas reverdecendo-lhe nas palavras de Fr. Pedro, contra o intento com que ellas foram proferidas uma idéa de evasão — idéa adormecida, pôde ser, mas de nenhum modo abandonada — o coração do infeliz, até alli comprimido, começou a dilatar-se. Os olhos fulguravam-lhe, e até uma lagrima lhe despontou nelles. É que um poder mysterioso estava dando á corrente dos seus pensamentos uma direcção inteiramente contraria áquella que, o instante antes, elles seguiam. Já a prisão lhe não lembrava. Não o pungia o remorso com os seus punhaes azeirados. E o véu espesso e triste que áquella hora toldava de negro a natureza, rasgou-se-lhe tão de golpe que aos vidros magicos da fantasia pôde elle ver diante de si as selvas, os campos, os montes, as planuras, os valles, os rios, as fontes, as torrentes, a terra, o mar, risonhos, e em toda a pompa da criação. Viu o primeiro arrebol da manhaã. Viu depois o astro que preside ao dia no maior esplendor da sua carreira, derramando fogos magnificos sobre as villas e as cidades. Viu tambem, e contemplou, á hora do crepusculo as ultimas e admiraveis harmonias da luz e das sombras. E tudo isto elle via ora debaixo da copa de laranjeiras perfumadas, ora no berço de jasmineiros, e de roseiras, ora nas grutas frescas e suaves de um monte, ora no mais espesso e enramado d'uma floresta. É que Fr. Gerundio estava já em Cordova. A cogula de monge tinha-a despido, rasgado, calcado aos pés. O breviario tinha atirado com elle ás ondas do Guadalquivir. Os passados emblemas da sua condição monastica todos os tinha arrojado para longe de si. O cantochão detestavel dos frades trocára-o pela melodia das chacaras andaluzes. O cheiro funerario dos sepulchros pelas fragrancias do ambar. A cella odiosa do mosteiro por palacio magnifico de príncipe. Cingia-lhe a cabeça o turbante; vestia o nobre caftan turco; ao lado pendia-lhe o alfange de bainha e punho de ouro e pedraria da mais preciosa. E agora se banhava nos banhos voluptuosos do harem; agora o recebia o calipha no pavilhão esplendido de Azzahrat. No enlevo do seu extasi, e de visão em visão ei-lo chegado a um grande dia de festa. Pelas ruas de Cordova vai levada em triumpho uma virgem coroada de rosas — tão seductora, tão bella! — Donzellas a acompanham. Seguem-nas o cadí, testemunhas, os xeques e cavalleiros da cidade. Entra toda a comitiva em um pavilhão arvorado no meio dos mais deliciosos jardins de Cordova. As donzellas, armadas de bastões

de marfim e ouro, todo o dia estão defendendo a entrada do pavilhão. E á noite elle [Fr. Gerundio] acompanhado de grande sequito de mancebos nobres, protegido dos estoques dourados de seus amigos, logra entrar apesar da galharda resistencia das donzellas. (\*) Os jardins estavam illuminados, e nos seus bosques e fontes, e nos barcos de seus lagos cristalinos resoavam musicas alegres. Um banquete sumptuoso se estava alli servindo. Sentou-se á meza, e á sua direita, ao pé d'elle, ficou a virgem. Era a sua noiva. Aquella festa a *walima*, a festa dos seus desposorios. O padrinho era o calipha. Fr. Gerundio chamava-se já *abd el Rahman*, do nome do seu protector; e a noiva chamava-se ao estylo arabe, *Cadéa dos corações*. Ella formosa; elle feliz! E todas estas imagens aereas, vaporosas, radiantes passando-lhe em brilhante panorama pelo prisma encantado da idéa, enfeitiçaram-lhe de tal arte as potencias e os sentidos, e abalaram todo o seu ser de tamanha commoção, que as fibras todas a um tempo lhe estremeceram de prazer; e neste momento, fascinado de delirio, disse para Fr. Pedro:

— Aceito, aceito o vosso convite. Aceito tudo. Escreverei ao mensageiro do calipha. Irei á conferencia. Acompanhar-vos-hei á solidão!

— Bemdito seja o Senhor, que em sua misericordia vos converteu com um toque da divina graça! [E Fr. Pedro derramava lagrimas de entusiasmo sincero. — Fr. Gerundio escreveu logo alli a carta que d'elle exigiam. Entregou-a a Fr. Pedro; e este recebendo-a disse com voz alegre]:

— Adeus, Fr. Gerundio, até amanhaã pela volta da meia noite. E batendo com o pé no estrado, a este signal abriu-se o alçapão: subiu, e desapareceu.

(Continúa.)  
A. d'O. Marreca.



O GERBO.

ESTE animal, pequeno e bonito, pertence a um genero que se approxima muito aos ratos, propriamente chamados, porem é bastante para o distinguir a curteza dos pés dianteiros ou *mãos*, e o excessivo cumprimento dos pés trazeiros, propriedade que o habilita para correr com velocidade muito maior que a das lebres. Quando o perseguem, ou quer caminhar mais depressa, dá pulos prodigiosos, cahindo sobre as mãos, erguendo-se porem logo rapidamente, de fôrma que a cada passo se mostra na postura recta; donde procedeu o erro, que

(\*) Com este ceremonial se celebravam os casamentos na Hespanha musulmana. Conde — Historia dos arabes, pag. 260 — 261, edição de Paris.

por muito tempo subsistiu, de que este quadrupede só andava levantado nos pés trazeiros. Nisto e na forma do corpo também se parece muito com os kangurús ou sarigueias. Tem o rabo mui longo, orelhas pontudas e estiradas, olhos grandes e redondos: a cauda lhe é indispensavel para aquelles extraordinarios saltos, que o fazem notavel, assim como necessita della para equilibrio quando se tem em dois pés só. O pélo é macio, e de côr arruivada na parte superior do corpo e branca na inferior.

Não se conhecem mais que tres especies de gerbos. 1.<sup>a</sup> Os do Egypto que vivem aos bandos, e cavam as suas tocas, apparecendo multos nos sitios quentes e arenosos e pelo meio das ruinas que cercam a moderna Alexandria: sem que se lhes possa chamar exactamente bravios e de natural feroz, são todavia inquietos e cautelosos em extremo; vão longe em demanda do sustento, que consiste em raizes, grãos, avellaãs e fructas sylvestres, mas á menor perturbação retiram-se para os seus covis precipitadamente: as tócas constam de varios corredores, e por isso os arabes tem um modo de colher vivos estes animaes, que consiste em tapar-lhes todas as sahidas menos uma, por onde forçosamente hão-de vir para fóra: caçam-nos por causa da carne, que estimam apesar de não ser das melhores iguarias: as pelles entram na conta do pellame ordinario. — Os alactagas que formam a segunda especie são do tamanho do esquilo commum; a sua pelle é mais estimada: cria-se nos desertos da Tartaria e nas eminencias areentas das bordas do Tanais e do Volga. O sabio Gmelin observou que elles ajuntam no verão hervas e raizes para provimento do inverno, como fazem os lirões ou arganazes dos nossos campos; ajuntam essas vitualhas em montões separados, e quando estão seccas transportam-nas a pouco e pouco e de noite para seus asylos. Para arranjar as tócas escavam a terra com grande actividade servindo-se das patas dianteiras, espedaçando as raizes com os dentes: preveem as estações do frio e das chuvas, e tapam o covil com pasmosa pontualidade: são mui sensiveis ao frio, e qualquer leve mudança de temperatura os reduz a estado lethargico. É muito difficil conserva-los em captiveiro, sendo mister proporcionar-lhes sufficiente quantidade de terra ou areia para cavarem: então se podem alimentar com fructas, hortaliças, pão, &c. — Da terceira especie são os gerbos da India, numerosos nos campos cultivados e que fazem nas seáras grande estrago: as suas covas são muito mais espaçosas que as dos outros, e nellas recolhem abundantes provisões; não sahem senão de noite e nunca entram nas casas: os indios os perseguem, comem, e tem na conta de boa vianda. Os habitos e conformação corporea das tres especies são com poucas modificações assaz semelhantes.

#### INVASÕES DOS NORMANOS OU NORMANDOS NO TERRITORIO DE GALLIZA E DE PORTUGAL.

Um dos acontecimentos mais estranhos da meia idade foi o do apparecimento dos normandos. Nos primeiros annos do sec. 9.<sup>o</sup> começaram a mostrar-se nos mares do sul entre Inglaterra, França e Hespanha estes novos aventureiros que sahindo em chusmas dentro de pequenas barcas das costas de Jutlandia e Noruega, vinham assaltar d'improviso os terrenos maritimos daquellas tres regiões, e aventurando-se das costas de mar ás povoações do inte-

rior sorprendiam os desprevenidos habitantes, e captivavam mulheres e meninos, saqueavam as casas, destruhiam e queimavam os edificios; e carregados de despojos voltavam a seus baixéis, deixando assolações, ruinas, e lagrimas como signaes de suas barbaras visitas. O ponto mais frequentado de seus desembarques desde o anno 807 foi aquella lingua de terra ou peninsula da Gallia formada pelo oceano, canal d'Inglaterra, e o rio Senna, que chegaram a senhorear definitivamente, dando-lhe o nome de seus dominadores, Normandia. A epocha era ásada para tolerar seus atrevimentos, porque a anarchia feudal havia descosido a unidade do poder supremo; os reis da raça carlovingiana apenas se defendiam das revoltas e usurpações dos senhores, vassallos só no nome, e estes receosos uns dos outros, rivaes ou inimigos constantes entre si mal podiam segurar o paiz das furiosas excursões de guerreiros que salteavam logares escolhidos d'ante mão, que se grupavam em bando feroz quando atacavam, e se dispersavam e desapareciam depois levados pelo vento de suas velas, ou pelos remos de que alternadamente se serviam em suas navegações, como piratas. O bom successo de suas empresas, o amor do ganho, e o engodo mesmo desta vida aventureira engrossou pouco e pouco suas armadas; firmaram um pé na costa da Normandia, formaram colonias, levantaram castellos, e tomaram outros; encheram os rios de seus chavecos; e quando o senhor mais rico e poderoso do territorio visinho acordou para debellar estes terriveis hospedes, era já tarde. Este guerreiro que se poz em campo foi Roberto o forte duque de França, conde d'Anjou, um dos antigos da tige capeciana, o qual perdeu uma batalha contra os normandos, e nella perdeu também a vida no anno de 886. Desde então se firmaram no paiz estes feros conquistadores do norte: não só resistiram aos esforços francezes para largarem o paiz, porem alargaram seu dominio, e foram por vezes bater ás portas de Paris acampados no arrabalde de *Roule* e de *St. Honoré* encostados a suas terriveis barcas aferradas no Senna, sem que alguém ousasse vir perturba-los em sua audaciosa morada. Ainda mais: soltando as velas de suas frotas foram muitas vezes desembarcar e devastar não só as costas d'Inglaterra e da Irlanda suas visinhas, mas atravessando o temeroso golpho da Gascunha vieram assaltar, saquear e captivar nas costas de Galliza e Portugal em todo o decurso do sec. 9.<sup>o</sup> e 10.<sup>o</sup>, chegando ao excesso de occuparem uma porção de territorio no continente hispanico, pertendendo fundar nelle um dominio semelhante ao que haviam fundado na Gallia.

Encontram-se a cada passo nos documentos antigos desta epocha noticias destas excursões no nosso territorio ao norte do reino, que então pertencia ao reino de Leão; e todas ellas trazem o signal dos infortunios e calamidades causadas por estes antigos mestres dos argelinos modernos. O auctor do *Elucidario* encontrou alguns no antigo cartorio do mosteiro de Pedroso, e cita um de doação ou entrega de bens para pagamento d'um resgate em que se declara que um tal Moytili vendêra uma herdade que tinha na terra da Feira a Oetricio a fim de lhe pagar o seu resgate e de sua filha Guncina: expressando ahi o motivo do contracto: = por quanto vós dito Oetricio me tirastes de dentro das barcas dos laudomanes dando-lhes pelo nosso livramento uma capa de pelle de lobo, uma espada, uma camisa, tres lenços, uma vacca, e tres moios de sal. =

Vê-se que estes piratas salteavam as povoações não mui distantes das costas em que facilmente podiam desembarcar, como eram estas da terra de Santa Maria entre o Porto e Ovar; e não só saqueavam e destruíam, mas captivavam os habitantes a fim de lucrarem com o seu resgate, como prova o exemplo acima, que é do anno de 1026. O A. citado observou que estes libusteiros entraram a apparecer nas nossas costas desde o anno de 961; mas que infestavam principalmente as costas da Galliza, donde os expulsou São Rosendo quando governava o hispado de Compostella. No anno de 968 se achavam elles como estabelecidos nas margens do Minho proximo de sua embocadura, occupando esse littoral até as ilhas de Baiona, Vigo, e Padrão; cousa que infundiu tal terror ainda alem do littoral que a condeça D. Mumadona levantou á pressa o castello de S. Mamede em Guimarães para defender o grandioso mosteiro de S. Salvador de que foi fundadora e bemfeitora, e do qual surgiu annos depois a villa de Guimarães. Neste mesmo anno saquearam a villa de Compostella, e mataram em combate o seu bispo D. Sisnando que levado de sua natural valentia ao ouvir a relação das crupezas e barbaridades commettidas no seu bispado, vestindo a couraça e sabindo ao encontro dos normandos foi por elles derrotado e morto. O caso é que tão poderosos se mostraram desta vez, e tão pouco energico era então o governo de Leão entregue a Ramiro 3.º, menino de poucos annos, e á regencia de sua mãe, viuva d'elrei D. Sancho o hydropico, que tres annos se conservaram no territorio gallego com o seu caudilho Gundaredo, ao qual nossas historias chamam rei dos normandos, Iormanos, leodomanes, lothomanos, e laudomanes, que com todos estes nomes se acham denominados estes aventureiros. Carvalho na sua Corographia pertende que deste cabeça e do seu estabelecimento na Galliza e Portugal venha o nome Gundarem que ainda hoje conserva uma povoação portugueza junto de Villa-nova de Cerveira, e a familia dos gundarens ou gundarei, senhores com solar naquella mesmo sitio, celebres na historia dos nossos primeiros soberanos, e muitas vezes recommendados no Nobiliario do conde D. Pedro. Da historia contemporanea do Monge de Silos consta que despertando emfim os fidalgos gallegos e portuguezes, e desejando affastar do seu territorio um similhante flagello juntaram sua gente, e entregue o commando ao mais experimentado e poderoso de entre elles, o conde D. Gonçalo Sanches, atacaram e apertaram de tal sorte os normandos que os exterminaram todos, não escapando um só da morte ou do captiveiro.

A ultima vez que vieram a Galliza foi em 1032; estavam já convertidos ao christianismo, e se apresentaram não como piratas mas como povo policia-do, em auxilio do conde D. Rodrigo Romariz. Foi o caso; que um bando de vascões gallegos sublevados se haviam apoderado do fortissimo castello de Lápido, levantado sobre uma penha inaccessivel donde desciam á planicie a roubar e saquear os habitantes, e as igrejas e mosteiros que encerravam naquella tempo as alfaias de mór cubiça, d'ouro e de prata. O conde com ajuda dos normandos os sitiou e estreitou de maneira que houveram de render-se á discreção, e diz a historia que o castello foi queimado e arrasado então, a ponto de não servir mais; permanecendo porem ainda hoje o sitio a que chamam a Penha ou Alpe de Lápido.

J. da C. N. C.

## NÃO VALE A LIÇÃO MIL DOBRAS?

(Episodio das guerras de successão entre Castella e Portugal).

[1385].

### IV.

(Conclusão.)

#### O SOLDADO DO FRONTEIRO.

Caleb habiendo visto que no agrada  
A su señor el zelo impertinente  
La austeridad depuso y hay quien dice  
Que se le vió brindar con Vasco Pérez.  
D. MIG. SAAVEDRA.—*El Moro exposito.*

NINGUEM certamente deixará de fazer idéa da alegria do moço castelhano ao ouvir as boas palavras do escudeiro de Nun'Alv'res. Sonhada lhe parecia a sua ventura. Nas poucas horas de trato que tivera com elle bem conhecêra que lidava com um homem de coração generoso e cheio de franqueza, mas lembrado sempre das naturaes antipathias entre castelhanos e portuguezes, agora mais estimuladas pelos furores da guerra, não se atrevêra a imaginar ainda tão proxima a sua felicidade. Claro fica portanto que immenso prazer seria o seu com o tão inesperado despecho do seu colloquio. Em *Flór de lindeza* não fallámos. A pobre moça cuidára enlouquecer. Estava já muito costumada ás bondades do escudeiro seu parente, mas não julgára tão facil o cumprimento dos seus desejos, os quaes, para de todo dizermos a verdade, ella tentára muita e muita vez extinguir recordando a si mesma a sua situação e a qualidade do mancebo; porem não conseguíra nunca senão aviva-los cada vez mais e mais lá dentro do coração. É portanto facil adivinhar qual seria o seu contentamento á vista de tão acabada prova d'amor que lhe elle dava, e não nos atrevemos a affirmar se a vaidade não tinha tambem sua parte naquella extrema alegria da donzella. De todas as fragilidades do coração feminino parece-nos [perdoe-nos o sexo], parece-nos ser esta a que mais o domina. É não era acaso razão para ter vaidade ver um moço rico e nobre, inimigo por antipathias de nação e por dever da natureza, despojar-se das suas riquezas, esquecer-se dos seus pergaminhos, e depôr aos pés d'uma formosa os seus odios nacionaes e a sua vingança filial?

Uma cousa havia comtudo na promessa do escudeiro, que nem o mancebo, nem a donzella podiam a si explicar por mais que lidassem com a phantasia. Aquelle dote em que lhe elle fallára era o nó gordio que não atinavam a desatar. O castelhano tinha por concluido que do seu patrimonio d'Andaluzia, pelo menos em quanto durassem aquellas guerras que davam poucos ares de findar, só lhe tinham ficado saudades e desejos. A donzella sabia, a não poder duvida-lo, que de seu não possuía nem uma mealha. Que dote era portanto aquelle em que tão desafogadamente fallára o escudeiro [que pela sua parte tambem quasi ignorava os cunhos da moeda do reino] como se o tivesse já na mão?

Vejamus quem nos tira da duvida.

Estamos na mesma casinha terrea em que se passou a scena descripta no capitulo antecedente. Um

bragal mui alvo, disposto pelas alvas mãos de *Flór de lindeza*, cobre o pinho antigo da banca já mencionada, que pôde muito bem concorrer com as tripodes das sybillas sem desmentir o nome. O contheudo da escudella grande está repartido por outras de menores dimensões, collocadas adiante dos commensaes. Entre estes figura formidavelmente o nosso honrado escudeiro que observa o mais exemplar silencio em quanto maxuca um alentado naco de toucinho que lhe absorve todas as atenções. Segue-se-lhe depois a velha de sua irmã, que sem deixar de mastigar ruidosamente o seu pão de centeio com os unicos quatro dentes que lhe povoam os queixos, engole quasi tantas piedosas pragas como couves, por causa da escandalosa scena que diante della se está passando e que o bom do irmão consente com uma semi-ceremonia desesperadora. Defronte no extremo da meza estão os dois amantes, que nem ainda tocaram nas suas escudellas, o que bem é de suppôr, attendendo a que não fazem mais do que cochichar, pregando um no outro os olhos todos banhados de amor e felicidade. Mais distante, acororado n'um canto sobre o embrulho das mil doblas, o judeu tem diante de si uma escudella igual ás outras e um pichel de vinho. O centro da banca onde o escudeiro come está adornado com um bojudo cangirão, que esfalfado dos frequentes beijos do escudeiro já vai em mais de meio caminho para a mais completa estagnação.

Apesar do modo por que o judeu tinha sido tratado pelo soldado do Fronteiro, no qual cremos que tinha não pouca parte o seu amor proprio offendido pela maneira com que até alli se havia illudido ácerca do velho, não havia elle querido todavia que fosse esquecido no repartimento do seu parco jantar.

«Não permita Deus — dissera elle — que um cão judeu se assente á minha meza que é pobre, mas christã; mas tambem não haja quem diga que em casa de um soldado portuguez entrou um vivente sem lhe participar do seu pouco.»

No demais a pobreza extrema que se via em toda a casa contrastava singularmente com o ar alegre dos convivas — de tres pelo menos. Era uma pobreza contente e feliz, humilde, singella, e em nada repugnante. Os moveis estavam na quasi totalidade chegados ao derradeiro periodo de decrepitude, mas todos sorriam mui lustrosos e nedijs. Parecia que aquelle perfume virginal o tinha a donzella communicado a quanto a cereava.

Pela distração com que o nosso escudeiro empinava o cangirão, fitando os olhos a sorrir no par namorado, e pelo murmúrio progressivamente intelligivel em que a velha formulava as suas queixas, via-se que a saciedade ia substituindo o appetite furibundo com que os dois haviam principiado o seu parco jantar. Quanto ao judeu bem julgareis que nenhuma vontade mostrava.

«Que silencio este, rapazes! — disse o escudeiro limpando a boca com as costas da mão esquerda, em quanto com a direita passava distrahidamente o fio do seu punhal [que desembainhára para cortar o pão] pelas abas do fraldão de anta amarella que lhe pendia em roda do cinto de pelle curtida guarnecido de pregos de aço, como se naquelle momento não tivesse no mundo outra coisa que fazer. — Que silencio este! Estamos nós acaso em dia de cinzas, ou passou ahí algum sahimento perto. Viva Deus! que me não quero hoje senão com alegrias. . . E a proposito de alegrias, filhos, que-

ro-vos contar uma historia succedida ha pouco, com que muito heis-de rir. . . . Que? . . . Calla a boca, [continuou elle bradando aos ouvidos da irmã] feitiçeira, que estás tu ahí a resmonear? . . . Cala-te, cala-te, reza as tuas contas e deixa ir o mundo como vai, que não vai mal. — Não é isto, filhos?

Os dois amantes aguardavam impacientes a historia promettida, esperando que porventura tivesse alguma relação com o enigma do dote, que lhe parecia cada vez mais problematico. A velha mordiasse de quisilia por não ouvir nem palavra do que se dizia, e por não poder desafogar a sua intima indignação por meio de um certo vocabulario de que possuia os mais profundos conhecimentos. O pobre do judeu, esse torcia-se todo tremendo desde os pés até a cabeça cada vez que ouvia a agoureira voz do escudeiro.

«Então por que não comes tu, judeu — continuou este, dirigindo a palavra ao atribulado descendente de Abraham. — Ah! é porque tens asco ao toucinho. Ao menos bebe um gole para te fortificar. Vamos, bebe.

O judeu fez suas diligencias para se ensaiar n'um sorrir que não passou d'uma visagem horrorosa.

«Ora lá vai a minha historia: attenção, rapazes. Era uma vez um honrado hebreu, padre de rico, segundo dizia a fama, porem miseravel como um pedinte, ou como um Job, ao que diziam os seus trajos. . . . Bebe, infiel. . . . Prova esse vinho, que é bom. . . . Um dia de manhaã chegando a esta terra foi-se logo em direitura aos paços do Fronteiro, com quem, dizia elle, precisava tratar. Quereis agora saber o que elle vinha fazer á villa, aquelle miseravel avarento? . . . Olha que é desbaptizado como tu. . . . bebe, bebe um gole. . . . Como vos ia contando, o rico esfarrapado vinha nem mais nem menos encarregado da mais negra mensagem que se nunca mandou a um portuguez! Mal hajam elles — continuou o soldado experimentando a ponta do seu punhal na pacifico pinho da banca e bradando com furor. — Más terçaãs os colham, que assim nos crêem capazes, a nós soldados fieis do mestre, de lhes vendermos a nossa fidelidade pelo preço vil do seu ouro infame! . . . Então, vamos, que tens tu nas goellas que não bebes, judeu? . . . Em que ponto ia eu, rapazes! . . . Ah! já sei. . . . O desgraçado mensageiro cuidou que só o ouviria o nobre cavalleiro a quem foi fazer tão traidoras propostas, que nem vo-las eu quero contar, mas enganou-se porque um pobre soldado que não é tão escrupuloso de enxovalhar as mãos como seu amo, escutou tudo, e assentou logo lá comsigo que devia dar uma boa lição ao infiel que tal ousára.

O escudeiro ao passo que dizia o que ouvimos como se se tratasse da cousa mais singella e natural continuava a passar e repassar o punhal pela anta sem parecer dar fé das angustias mortaes do pobre judeu, que nem já sabia a que propheta recomendasse a negra alma. A velha fazia gemer os quatro pés cambaios do seu escabello, o unico que ainda se conservava em tão completa solidez, á força de se menear de impaciencia em quanto arregalava os olhos e fazia mil visagens para não dar a conhecer diante de um estranho a nullidade dos seus ouvidos. O mancebo e a donzella pela sua parte começavam já a antever o desenlace d'aquella scena, e a ter dó do velho que ao mesmo tempo excitava colera e commiserção. O escudeiro por diante.

«Ora como eu ia dizendo este soldado, que tinha feito o protesto de vingar a honra ultrajada dos

seus . . . . Vá um gole á minha saude , judeu . . . . acabou comsigo em que era de summa utilidade esfollar o mensageiro . . . . Então porque diabo não bebes , D. David Algaduxe ? . . . . e depois de esfollado embrulhar-lhe na pelle o seu dinheiro de judas e mandar tudo de presente a satanaz . . . . Vá , D. David , um gole pela descoberta . . . . Ora como o tempo seja pouco — accrescentou erguendo-se e palpando a ponta do punhal — é preciso . . . .

« Seiscentas doblas . . . . oitocentas . . . . mil , todas as mil doblas pela minha vida . . . . Não me mateis , Sr. escudeiro . . . . Se quereis mais . . . se . . . . Não , mais não posso dar-vos . . . Mas estas mil tomái-as , são vossas . . . não me mateis . »

Fallando assim , o judeu batia com a fronte no chão offerecendo as mil doblas ao escudeiro. Sorria este , moviam-se os dois amantes como para prevenir algum sangrento successo , e a velha cada vez espantava mais os olhos , e cada vez percebia menos.

« Ah ! já , D. David ! — exclamou o escudeiro com o ar triumphante de um machinista moderno que acha uma nova combinação de rodas , e com aquella singella beatitude que deviam de ter os nossos primeiros pais. — Ah ! já ! Até agora davas o teu oiro para comprar a fidelidade portugueza , dá-o agora para comprar a tua vida . . . Bem , bem . . . Toma-o filha . . . é para ti : é o teu dote. Aphonso de Valença perdeste mais , mas o mais que perdeste paga-to de sobra a tua nova patria , é mais que tudo o anjo que levas.

« Meu pai !

« Meu bemfeitor !

« Vamos. Quereis-me enforcar como ainda agora. Olhai que se me obrigais a enternecer-me de novo sou capaz de fazer ahí alguma tontice. Agora , meu D. David , rua. Procura o teu jumento nos paços do Fronteiro e vai-te em paz lá para os thesouros de Castella que tos não invejo eu. Anda , que nunca fizeste tão bom uso do teu dinheiro como agora. Fóra judeu , fóra avarento , fóra D. David. Quando tornarás tu a Portugal tentar as consciencias dos seus cavalleiros. Então , não vale a lição mil doblas ?

Dizendo , o escudeiro ia empurrando o judeu , pouco amorosamente já se póde ver , para fóra de casa até pólo na rua , aonde um bando de rapazes da villa começou de apupa-lo , em quanto elle chorando e correndo ia arrepellando as barbas , sem alma e sem vida , que tudo tinha deixado dentro do embrulho das mil doblas.

Os dois amantes abraçavam-se , e choravam de alegria ao passo que a santa velha se dava a perros por não saber o que significava semelhante embrulhada. Quando o escudeiro voltou para dentro farto de rir por ver os rapazes a zombarem do judeu , *Flor de lindeza* chegando-se com as lagrimas nos olhos , e deitando-lhe de novo os braços em roda do pescoço lhe disse :

« Destes-me tudo , meu pai. E vós que tambem sois pobre ? Vós ?

« De mim não tenhas cuidado , filha. Não ficas rica , mas estás remediada para toda a vida. É quanto basta. Em quanto comer o pão do Fronteiro , de pouco preciso , que tenho de pagar esse oiro a troco de ferro aos castellãos. Alguns palmos de terra e a minha armadura me contentam em quanto não vier ahí alguma lança de Castella que me faça tambem pagar a minha divida para com Deus. Quando isso acontecer , que nunca ouvireis que foi pelas costas , recolhei-me essa pobre surda , que será a ultima que eu deixe , e tratai-m'a com desvelo por

amor de mim . . . . Pela espada do Fronteiro que vos não posso aturar. Ahí estais já todos chorosos , . . . Vamos , filhos. Um soldado deve de estar aparelhado para tudo. Consolai-vos que não ouvireis de mim novas que vos envergonhem. Onde eu acabar podeis dizer que acabou um soldado com honra.

Foi assim : o soldado do Fronteiro foi dos primeiros que cahiram em Aljubarrota.

*Silva Leal — Junior.*

#### EXPOSIÇÃO DA INDUSTRIA NACIONAL.

No systema de concorrência que hoje reina em os diversos ramos da industria é preciso achar os meios de dar sahida aos productos ; e com effeito os principaes são : 1.º , trabalhar com a maior perfeição ; 2.º dar as obras pelo mais baixo preço possível ; 3.º fazê-las conhecidas do publico , para que este saiba onde as póde haver. Parece-nos que as *exposições dos productos industriaes* contribuem poderosamente para este 3.º e predispõem para os outros dois. Taes exposições não são meros espectaculos apparatusos para alardear vaidades e inculcar charlatanismo , tem a utilidade real de promover a emulação e de fazer chegar á noticia geral os aperfeiçoamentos , que os artistas intelligentes e applicados tem introduzido em suas officinas. Conseguem-se portanto dois fins — desenvolve-se o talento industrial — e a curiosidade attrahe compradores a objectos , que d'antes ou eram desconhecidos , ou se mandavam vir de fóra , por se ignorar que os havia no paiz.

A benemerita Sociedade Promotora da Industria Nacional zelosamente se tem empenhado em facilitar ás artes portuguezas as vantagens da exposição publica , onde possam brilhar as invenções e melhoramentos , e toda a casta de obras bem acabadas e perfectas : no presente anno se propõem a appresentar nova exposição no local em que se acha estabelecida , o extincto convento dos Paulistas ; e para esse intento tem publicado nos Jornaes um aviso , pelo qual convida aos Srs. Fabricantes , Artistas , Proprietarios de officinas ou de laboratorios , e tambem os curiosos amantes das artes , a concorrerem com seus productos e artefactos. Os Srs. , que acceitarem este convite , como elle merece , terão de mandar á Secretaria da Sociedade até ao dia 20 declarações verbaes ou por escripto para que pelo numero destas *se conheça se a concorrência dos productos será capaz de dar ao acto toda a consideração , de que é susceptivel.*

A convocação solemne que a Sociedade Promotora acaba de fazer cremos que será attendida por todos os que estiverem no caso de contribuir para o esplendor da Exposição ; e por isso nos apressámos a dar-lhe publicidade em as nossas columnas , patentes sempre a tudo quanto revelar espirito de nacionalidade , e interesse publico.

A cultura da razão pelo estudo , exame e reflexão , póde conduzir-nos a um gráu de saber que nos ponha em contradicção com as opiniões vulgares : neste caso , devemos ser prudentes , evitando disputas , e esperando do tempo a madureza das verdades.

A alteza dos pensamentos annuncia a nobreza dos sentimentos.

*Marquez de Maricá.*